

# IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM

BONFIM, Lilian Meire Leite Vieira<sup>1</sup>  
OLIVEIRA, Adrielle Alves<sup>2</sup>  
POLITOWSKI, Nágila Daiane<sup>3</sup>  
ROSA, Flávia Moraes<sup>4</sup>  
SANTOS, Roberta Pegorari Bonfim dos<sup>5</sup>  
SILVA, Elias do Nascimento<sup>6</sup>

**RESUMO:** O presente artigo fundamenta-se em autores que tratam da eficiência da afetividade na aprendizagem e apresenta análises sobre as contribuições da relação afetiva para o processo de aprendizagem. Durante a vida escolar da criança há várias interações, nas quais a afetividade está presente. Por esse motivo a escola deve proporcionar um espaço de reflexões sobre a vida e a construção desses laços afetivos, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica, transformadora e na formação de cidadãos emocionalmente equilibrados. O professor é fundamental para a aprendizagem dos alunos, tornando a afetividade um dos elementos que influenciam esse processo. Neste sentido a pesquisa teve como objetivo compreender como acontece a relação afetiva entre professor e aluno e quais as contribuições da afetividade para a aprendizagem dos alunos. Para esse estudo utilizamos o método de pesquisa bibliográfica. e por meio desta pode-se constatar que a afetividade é fundamental para o desempenho educacional, uma vez que as palavras das educadoras entrevistadas deixam bem claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de aprendizagem, que tem como base o respeito, o diálogo e, principalmente, o afeto.

**Palavras-chave:** Afetividade; Aprendizagem; Relação professor x aluno.

## 1-INTRODUÇÃO

<sup>1</sup>Pedagoga pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Professora na Creche Municipal Pequeno Príncipe em Porto dos Gaúcho-MT. e-mail: lilianvieirabonfim@gmail.com

<sup>2</sup>Pedagoga pela Universidade do Estado de Mato Grosso.. Professora na Escola Municipal Adolf Wilke. E-mail: adrielle\_porto@hotmail.com

<sup>3</sup>Pedagoga pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Professora na Escola Municipal Adolf Wilke em Porto dos Gaúcho-MT. E-mail: politowski14@hotmail.com

<sup>4</sup>Pedagoga pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Professora na Professora na Escola Municipal Adolf Wilke em Porto dos Gaúcho-MT. E-mail: erikmoraes88@hotmail.com

<sup>5</sup>Pedagoga pela Centro Universitário Internacional Uninter. Professora na Creche Municipal Pequeno Príncipe em Porto dos Gaúcho-MT. E-mail: robertapegoraribonfim@hotmail.com

<sup>6</sup> Pedagogo pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Secretário Escolar na Creche Municipal Thayná Gabrielly Oliveira Moraes Especialista em Gestão Escolar pela Universidade da Cidade de São Paulo-UNICID. E-mail: ninffeto@hotmail.com

As crianças já chegam à escola com laços afetivos vivenciados com seus familiares e amigos. Na escola esses mesmos laços devem ser recriados formando uma relação de companheirismo, afeto, alegria com o professor e os colegas. Sabemos que em muitos lares esses laços afetivos são restritos por diversas situações particulares de cada família. Nesses casos a criança já chega à escola com seu lado afetivo reprimido e cabe ao educador encontrar meios de auxiliar no desenvolvimento desta criança para que seja estimulada e preparada para viver no mundo moderno, com suas limitações e possibilidades.

A função da escola é preparar os alunos para a vida em sociedade e isso diz respeito a sua formação como um todo, de maneira que esse aluno seja capaz de superar os problemas encontrados no cotidiano, ter autonomia, criatividade, tornando-se formador de opinião, bem como curioso em buscar cada vez mais o saber. A família também se torna fundamental no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, necessitando criar parcerias com a escola, participando ativamente do ambiente escolar.

A afetividade torna-se a base de todo esse processo de formação. Neste sentido, precisamos saber se o educador tem trabalhado de forma pedagógica a construção de laços afetivos que auxiliarão no desenvolvimento desse processo. “Em muitas situações da vida, são os afetos que determinam nosso comportamento.” (BOCK, 2005, p. 190).

A afetividade exerce grande influência no desenvolvimento escolar, pois quando uma criança se sente amada, cuidada pelo seu professor, com certeza este aluno apresentará mais desejo e vontade de aprender. Constrói assim, um ambiente harmonioso dentro de sala de aula tanto para o aluno quanto para o professor. Estas são as razões e motivação em pesquisar o tema afetividade, pois acredito na necessidade dos laços afetivos, e penso que entre professor e alunos deva existir algo mais do que os ensinamentos didáticos passados em sala: essa relação tem que ser de amor, carinho, cuidado, preocupação e principalmente respeito, para que seja possível criar um ambiente de harmonia aonde exista prazer em aprender e ensinar.

A pesquisa teve como objetivos compreender a importância da afetividade, seus reflexos na aprendizagem e sua influência na dimensão educacional e social, analisar como acontece a interação entre professor e aluno, verificar qual a

importância que os profissionais da educação dão às relações afetivas e diagnosticar como acontece a interação afetiva entre famílias e escola.

Teve-se durante toda a pesquisa a preocupação em discutir a influência da afetividade no processo de aprendizagem, como um elemento facilitador e motivador desse processo. Afirma que a escola é um ambiente repleto de interações sociais, principalmente na relação entre professor e aluno.

Realizamos a pesquisa com professoras que atuam na Educação Básica da rede municipal de ensino do município de Porto dos Gaúchos. Para que fosse possível investigar e encontrar as respostas aos questionamentos, utilizamos como método a pesquisa qualitativa, visto que esta, busca compreender os fatos através do contato direto com o pesquisado, para uma compreensão global e profunda da realidade apoiado pela técnica de entrevistas e observação.

Organizamos a pesquisa em três capítulos. No primeiro capítulo, apresentamos uma breve contextualização da afetividade no mundo moderno. No segundo apresentamos o conceito afetividade e a sua importância na vida escolar, assim como o papel da escola em relação à afetividade e com a família que visa trazer contribuições para o processo de ensino aprendizagem. No terceiro capítulo, apresentamos os caminhos percorridos durante a realização desta pesquisa. Iniciamos com a contextualização da escola lócus da pesquisa, abordando ainda a metodologia utilizada durante o processo investigativo. Em seguida apresentamos a análise dos dados obtidos através das entrevistas realizadas com as professoras e reflexões sobre a observação da prática das mesmas professoras entrevistadas.

## **2-BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA AFETIVIDADE NO MUNDO MODERNO**

O mundo em que vivemos está em constante transformação: o que era certo ontem já pode não ser mais o certo para hoje, nos impossibilitando de ter certezas, de tomar decisões com segurança, gerando dúvidas e medo, havendo a necessidade de um novo pensamento para lidar com um mundo, onde a única certeza é a incerteza. (LIMA, 2002)

Na sociedade atual a vida corrida e a busca permanente por uma condição financeira satisfatória podem ser os grandes motivos que as pessoas estão deixando de lado o afeto. Deixando de lado as horas em família, momentos tão simples e

fáceis de serem realizados, mas que estão perdendo valor, momentos esses que são fundamentais para a construção afetiva de uma criança, porém praticamente inexistem nas relações contemporâneas.

Essas constantes mudanças exigem de nós rapidez e adaptações. Essas nem sempre são possíveis, principalmente na frequência e no tempo, às vezes, exigidos. Como consequência, estamos vendo cada vez mais pessoas estressadas e deprimidas. Já é realidade que quanto mais o tempo passa parece que existe menos tempo para os afazeres de casa, o trabalho, momentos em família, conversas, lazer.

Por isso, é importante reservar um tempo para o lazer, um tempo que nos proporcione carinho, felicidade e afeto. Tirar um tempo para uma conversa em família, visitar os amigos, ir ao parque, ao shopping, a alguma festa, ao cinema, ao bingo, marcar uma partida de futebol com os amigos, jogar vôlei, basquete, dar boas risadas. A vida corrida que já mencionamos pode ser um dos grandes motivos que ocasiona a falta de diálogo entre as famílias.

A afetividade, a princípio centrada nos complexos familiares, amplia sua escala à proporção da multiplicação das relações sociais, e os sentimentos morais [...] evoluem no sentido de um respeito mútuo e de sua reciprocidade, cujos efeitos de descentração em nossa sociedade são mais profundos e duráveis (PIAGET:INHELDER, 1990, p. 109)

O diálogo constrói a confiança o que é elementar para uma boa relação familiar. Em qualquer relação, dentro ou fora de casa, com a família ou com os colegas de trabalho ou da escola, a confiança é fundamental para o bom relacionamento.

Costa & Souza (2006) escreve em " O aspecto sócio-afetivo no processo ensino-aprendizagem na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon" . que cada vez mais as crianças estão se revelando nervosas, irritadas, deprimidas, solitárias, e esses comportamentos ele associa à necessidade que as novas famílias encontram em trabalhar fora para proporcionar uma vida mais confortável.

A afetividade no processo educativo é importante para que a criança manipule a realidade e estimule a função simbólica. Afetividade está ligada à autoestima e às formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor aluno. Um professor que não seja afetivo com seus alunos fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade (COSTA: SOUZA, 2006, p. 12).

Em tempos passados os pais se concentravam unicamente em assegurar o bem estar físico, sem se preocupar com o desenvolvimento emocional dos seus filhos. Mas nos dias de hoje os pais precisam ter uma visão mais ampla em relação à criação de seus filhos, enfatizando a construção dos laços afetivos e emocionais, desenvolvendo o seu psicológico.

Arantes (2003) nos diz que parece vir aumentando, nas últimas décadas, o número de famílias com problemas para educar suas crianças. As reclamações mais frequentes que os pais apresentam em relação à educação de seus filhos incluem as dificuldades em estabelecer limites ao comportamento infantil, enfrentar rebeldia e desobediência crônica.

Com base nessas mudanças se faz cada dia mais necessário a construção dos relacionamentos afetivos na família, nas instituições escolares, na sociedade em geral.

## **2.1 Conceito de afetividade e sua importância na vida escolar**

A afetividade entre os seres humanos é de fundamental importância para elevar a autoestima. Com as crianças isto acontece com maior intensidade, podendo levá-las a construir seus conhecimentos de uma forma prazerosa ou na sua falta a bloquear sua criatividade levando-as a se considerarem seres incapazes de construir e aprender.

No dicionário da Língua Portuguesa, afetividade está definida como:

Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza. (FERREIRA, 2009, p. 61).

Quando se fala em afetividade não quer dizer “passar a mão na cabeça”, nem dar respostas prontas, a afetividade tem que ser usada para encorajar, descobrir, reinventar podendo assim fazer com que a criança crie sua própria visão de mundo, e para que isso seja possível deve-se impor limites.

A afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que o ser humano pode participar. Inicia-se a partir do momento em que um sujeito se liga a outro pelo amor – sentimento único que traz no seu núcleo um outro, também complexo e profundo: o medo da perda. (CAPELATTO, et al 2014, p. 08)

Esse sentimento que se manifesta a partir do amor (situação de conforto) pelo medo de perder este amor, ocasiona outros sentimentos, tais como o ódio, a raiva, a inveja, a saudade (situação de desconforto). “A afetividade é uma mistura de todos esses sentimentos, e aprender a cuidar adequadamente de todas essas emoções é que vai proporcionar ao sujeito uma vida emocional plena e equilibrada”. (CAPELATTO *et al*, 2014, p. 08).

De acordo com Cunha (2008, p. 67):

[...] o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto. São as nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais que experienciamos, e a vivência das experiências que amamos é que determinará a nossa qualidade de vida. Por esta razão, todos estão aptos a prender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes.

Capelatto (et al, 2000), afirma que o cuidador deve impor os limites necessários com autoridade, mas sem ser autoritário. Estabelecer um limite é oferecer às crianças os extremos, a fronteira até onde ela pode ir naquele momento.

Bechara (2003, p. 191), entende que não há dúvida de que

[...] a emoção influencia de maneira significativa muitas de nossas funções comportamentais e cognitivas diárias. A importância da emoção nas questões humanas é óbvia. Os distúrbios emocionais atormentam pacientes com muitos problemas neurológicos e psiquiátricos.

Bechara afirma mais uma vez que a emoção está presente no nosso dia a dia e saber como controlar e cultivar essas emoções é extremamente necessário para que possamos construir um convívio social prazeroso. E assim:

À medida que as crianças se desenvolvem afetivamente, mudanças paralelas podem ser observadas em seus julgamentos morais. O desenvolvimento do afeto normativo, da vontade e do raciocínio autônomo influencia a moral e a vida afetiva da criança operacional concreta. As crianças desenvolvem a capacidade de perceber o ponto de vista dos outros, de considerar as intenções e de melhor se adaptarem ao mundo social (WADSWORTH, 1997 p.74).

A vida para a criança é um conjunto de sentimentos, paixões, emoções, entusiasmo, tudo quer ver e tocar, experimentar a vida como um todo, e é nosso dever como educadores e seres humanos proporcionar condições para que a

criança vivencie momentos agradáveis que permitam o desenvolvimento cognitivo das mesmas.

Inicialmente, educar, seria então, conduzir ou criar condições para que na interação, na adaptação da criança de 0 até 6 anos, fosse possível desenvolver as estruturas da inteligência, necessárias ao estabelecimento de uma relação lógica com o mundo. (SALTINI, 1999, p. 12)

Na escola a afetividade que o professor constrói com seus alunos irá influenciar no aprendizado dos mesmos. Se no lugar de encontrar afeto a criança encontrar indiferença, terá dificuldades de superar qualquer obstáculo que vir a encontrar pelo seu caminho, pois terá medo de perguntar e falar, temendo ser punida por não ter conseguido aprender aquilo que lhe foi passado.

Os professores são a melhor fonte de ajuda para os alunos que enfrentam problemas emocionais ou interpessoais. Quando os alunos têm uma vida familiar caótica e imprevisível, eles precisam de uma estrutura firme e atenta na escola. Eles precisam de professores que estabeleçam limites claros, sejam consistentes, apliquem as regras firme, mas não punitivamente, respeitem os alunos e mostrem uma preocupação genuína com o seu bem-estar. Como professor, você pode estar disponível para conversar sobre problemas pessoais sem exigir que seus alunos o façam (WOOLFOLK, 2000, p.47).

Almeida (2007) conjectura que é no lar que a criança se prepara e se desenvolve para entrar e permanecer na escola. Por isso o papel crucial e fundamental dessa entidade social, é o de estar construindo e inicializando as relações interpessoais, formando gerações que concretizem os direitos fundamentais pelos quais tanto vimos lutando, buscando e sonhando, esperançosos de exercê-los plenamente.

Segundo Marchand (1985, p. 93),

É, sobretudo, o mestre que pode, mudando de atitude, provocar um aperfeiçoamento da relação afetiva. Toda pedagogia desta relação leva, pois, em última análise, a uma formação do mestre que se preocupe, principalmente, com o aspecto afetivo. É preciso primeiro, pedir ao mestre que lute contra a tendência de considerar os alunos como abstrações ou nomes inscritos no livro de matrículas. É preciso, também, resistir à mania de classificá-los, em definitivo, neste ou naquele grupo, negando-lhes suas possibilidades de mudança.

Percebe-se então a necessidade da afetividade para que tenhamos uma educação de qualidade, pois na escola vivenciamos momentos de prazer e dor,

alegria e tristeza, satisfação e insatisfação, e a qualidade das relações afetivas desenvolvidas influenciará na forma como cada estudante reagirá a estes diferentes sentimentos. Portanto:

Os resultados positivos de uma relação educativa movida pela afetividade opõem-se àqueles apresentados em situações em que existe carência desse componente. Assim, num ambiente afetivo, seguro, os alunos mostram-se calmos e tranquilos, constroem uma autoimagem positiva, participam efetivamente das atividades propostas e contribuem para o atendimento dos objetivos educativos. No caso contrário, o aluno rejeita o professor e a disciplina por ele ministrada, perde o interesse em frequentar a escola, contribuindo para seu fracasso escolar. O professor que possui a competência afetiva é humano, percebe seu aluno em suas múltiplas dimensões, complexidade e totalidade (RIBEIRO e JUTRAS, 2006).

A afetividade pode levar as crianças a um aprendizado mais dinâmico e valorizado, tornando-as seres capazes de construir novos conhecimentos e modificar os que já existem, criando suas próprias hipóteses e gerando conflitos entre elas. Os conflitos quando trabalhados afetivamente ajudam as crianças a formular novas hipóteses e assim construir seu mundo de conhecimento de uma forma participativa, sendo valorizadas como seres humanos e pensantes que são.

Hoje há casos de repetência nas escolas devido ao mau comportamento, a crises de violência, a depressão e muitas outras demonstrações podem estar diretamente ligadas à falta de afetividade na vida dessas pessoas. Isso acaba criando em muitos casos uma revolta ou até mesmo um fechamento para as relações sociais. “A falta de afetividade leva à rejeição aos livros, à carência de motivação para a aprendizagem, à ausência de vontade de crescer.” (ROSSINI, 2001, p. 15).

Para Vygotsky (2003, p. 283):

A educação nunca se inicia em um terreno vazio, nunca começa a forjar reações totalmente novas, nunca realiza o primeiro impulso. Ao contrário, sempre partir de formas de comportamento já dados e preparados e se refere às suas modificações, sempre tende a modificar, porém nunca a criar algo totalmente novo. Nesse sentido, a educação e a reeducação do que foi realizado. Por isso a primeira exigência de qualquer educação é o conhecimento absolutamente preciso das formas de comportamentos herdados, pois sobre ele se exigirá a esfera pessoal da experiência. E aqui surge com força especial o conhecimento das diferenças individuais.

Um ponto muito importante na sala de aula é uma boa relação professor e aluno, se existir essa relação pode ser benéfico tanto para o desenvolvimento da criança quanto para a metodologia do professor. O professor não deve manter com

o seu aluno uma relação de imposição, mas sim de respeito para que seja possível o crescimento de ambos.

Para Piaget (*apud* CUNHA, 2000), o desenvolvimento cognitivo resulta da interação entre a criança e as pessoas com quem ela mantém contatos regulares, no caso da escola, os professores e demais profissionais. Ele enfatiza as construções realizadas pelo sujeito, ou seja, essas construções passam a ser possíveis através da interação do aluno com o seu meio, havendo assim a modificação do papel do professor, o qual passa a ser um facilitador, enquanto o aluno assume a posse das ideias.

Diante da atual situação em que se encontra a educação brasileira, procuramos pesquisar e compreender qual seria a melhor forma, de organizar uma educação que abrangesse a todos, compreendendo a realidade do povo brasileiro e valorizando o conhecimento cultural de cada um desses alunos. Buscamos uma escola que não esteja apenas preocupada em construir seres humanos para o trabalho, mas que também se preocupasse com a formação deste sujeito para a cidadania.

### **3- O PAPEL DA ESCOLA E SUA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA**

Nos dias de hoje ainda é possível ver situações em que os pais estão atribuindo às instituições escolares muito mais obrigações do que competem aos profissionais da educação, muitas vezes esquecendo o seu verdadeiro papel na criação de seus filhos deixando toda a responsabilidade para a escola.

[...] de forma harmônica com o restante do desenvolvimento da personalidade, especialmente no que tange à construção do sentimento de identidade. Erikson (1971; 1972) demonstra como a construção do sentimento de identidade se dá sob a forma da resolução de conflitos, os quais se lhe apresentam na vida à medida que o indivíduo vai crescendo e se desenvolvendo. Cada conflito pressupõe a tarefa de resolvê-lo assimilando à identidade uma nova maneira de viver a partir de então. Assim, a cada nova fase, o indivíduo tem incorporado, em sua identidade, um par de conceitos opostos, que, quando confrontados, geram o conflito, mas que se completam e dão significado um ao outro mutuamente. São eles: confiança básica versus desconfiança, autonomia versus vergonha e dúvida, iniciativa versus culpa, produtividade versus inferioridade, identidade versus confusão de papéis, intimidade versus isolamento, generatividade versus estagnação, integridade versus desesperança. Ocorre que tais tarefas (como chama a aquisição dos conceitos dos pares de opostos) se dão tanto de forma longitudinal (ao longo de toda a vida) como de forma vertical (pois, a cada nova tarefa, podem-se

entrever os sinais da aquisição das tarefas anteriores). (PORTELLA ET al 2006 p.52)

As reformas educacionais de forma internacional vêm impondo mudanças no conceito de qualidade educativa com forte impacto na organização e na gestão das escolas. Para melhor atender temos que fazer um trabalho em conjunto com a participação dos pais e os demais da sociedade, para que com isso seja possível melhorar a qualidade do ensino e aprendizagem.

Muitas famílias transferem para a escola toda a educação dos filhos, a formação do caráter, além da carência afetiva que muitas crianças trazem de casa, esperando que o professor supra essa necessidade. Por outro lado, algumas “famílias sentem-se desautorizadas pelo professor, que toma para si tarefas que são da competência da família.” (SZYMANSKI, 2003, p. 74).

Nós, como futuros educadores, juntamente com a comunidade escolar temos que oferecer propostas e aberturas para que seja possível realizar um trabalho em conjunto – família e escola.

A nova LDB – Lei Nº 9394/96, traz em seu Art. 12:

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

- I - elaborar e executar sua proposta pedagógica;
- II - administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;
- III - assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
- IV - velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;
- V - prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;
- VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;
- VII - informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica.
- VII - informar pai e mãe, conviventes ou não com seus filhos, e, se for o caso, os responsáveis legais, sobre a frequência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola;
- VIII - notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação dos alunos que apresentem quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual permitido em lei. (BRASIL, 1996)

Por tudo se faz necessário que os pais e a comunidade escolar busquem ações coordenadas para que os problemas sejam enfrentados e resolvidos. Para que isso seja possível é preciso que a família compreenda o verdadeiro papel da

escola. Não atribuindo a ela todas as obrigações e deveres que devem ser cumpridas por eles próprios.

[...] a organização escolar entendida como comunidade democrática de aprendizagem transforma a escola em lugar de compartilhamento de valores e de práticas, por meio de trabalho e da reflexão conjunta sobre planos de trabalho, problemas e soluções relacionados à aprendizagem dos alunos e ao funcionamento das instituições. (LIBÂNEO, 2007, p. 308).

Para que seja possível a conhecimento dos pais quanto a real obrigação da escola é preciso realizar alguns métodos de intervenção no qual consiga passar a toda a sociedade e em especial aos pais de alunos os deveres e direitos da escola.

Uma das alternativas são as palestras podendo com isso reunir os pais e toda a sociedade onde possam esclarecer todas as dúvidas existentes. Podemos também convidar alguns ouvintes para dar seu próprio testemunho sobre seus conhecimentos referentes à escola. Também é fundamental que a instituição tenha consciência da vida corrida que muitos pais levam e faça um estudo para avaliar qual é o melhor horário para marcar as palestras, tendo em vista que alguns pais são faltosos nessas palestras de grande importância devido aos horários impróprios.

A mesa redonda é uma opção que também pode ser utilizada para esclarecer dúvidas realizar discussões em prol do bem da instituição, contando com a participação da comunidade escolar, pais e representantes do grêmio estudantil podendo assim incentivar os alunos a estar envolvidos diretamente com o funcionamento da escola.

Assim como as atividades esportivas e culturais, as festas não devem ser as únicas oportunidades para contar com a presença de pais e mães na escola. Contudo, elas são ótimas chances para criar uma relação mais próxima e conversar sobre os filhos. As famílias mais presentes até assumem a organização de eventos e outras iniciativas propostas pela escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho é resultado de pesquisa sobre a importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança; inúmeros autores abordam essa questão como uma atividade crítica e permanente com a

possibilidade de rever e elaborar uma prática educativa na construção do conhecimento e na formação do educando.

Na educação, a escola sempre teve um papel fundamental, e hoje além de ensinar para a cidadania e para o trabalho, tem também a responsabilidade de passar os valores fundamentais para a vida do indivíduo, sendo que esse papel deveria ser uma iniciativa da família que muitas vezes não estão integrados na aprendizagem e formação de seus filhos, o apoio da família aos trabalhos desenvolvidos com os alunos seria um aliado importante para o bom êxito na construção do saber.

Conclui-se então que a relação escola-família cria compromissos, tece redes de inter-relações, reproduz laços éticos dando novos significados e abrindo horizontes para uma formação de prática pedagógica. Assim compreende-se que o diálogo entre a escola e a família seja capaz de possibilitar a troca de ideias entre as mesmas; em nenhuma instância compete a escola julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece; o objetivo da escola é oportunizar e abrir espaços para que valores sejam adquiridos e trabalhar o respeito e as diferenças expressas pela família, proporcionando e garantindo a integridade básica do aluno e da família.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga (Org.). **Afetividade e aprendizagem: contribuição de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2007
- ARANTES, V. A. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Atlas, 2003
- BECHARA, Antoine. **O papel positivo da emoção na cognição**. In: ARANTES, Valéria Amorin (org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.
- BOCK, A.M.B. **A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão**. *Cadernos CEDES*, Campinas, v.24, n.62, abr. 2004. Disponível em: < <http://www.bvs-psi.org.br/>> Acesso em: 23/04/2005.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional
- CAPELATTO, Iuri, Victor. LIMA, Ricardo Franco de. CIASCA, Sylvia Maria. SALGADO-AZONI, Cíntia Alves. **Funções cognitivas, autoestima e autoconceito**

**de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.** Psicologia: Reflexão & Crítica, vol. 27, no. 2, 2014, p. 331+. Academic OneFile, Accessed 23 Aug. 2017.

COSTA, Keyla Soares da; SOUZA, Keila Melo de. **O Aspecto Sócio-Afetivo no Processo Ensino-Aprendizagem na Visão de Piaget, Vygotsky e Wallon.** Disponível em: . Acesso em: 24 Ago 2017

CUNHA, M. V. **Psicologia da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CAPELATTO, Iuri Victor .., LIMA, Ricardo Franco de. CIASCA, Sylvia Maria. SALGADO-AZONI, Cíntia Alves .**Funções Cognitivas, Autoestima e Autoconceito de Crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade** 2000. Psychology/Psicologia Reflexão e Crítica, 27(2), 331-340. – DOI: 10.1590/1678-7153.201427214

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização.** 5.ed. São Paulo : Cortez, 2007.

LIMA, Regina Aparecida Garcia de **Crianças e adolescentes com doença crônica: convivendo com mudanças.** Rev Latino-am Enfermagem 2002 julho-agosto; 10(4):552-60 Artigo Original www.eerp.usp.br/rlaenf Acesso 12 Ago 2017.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador.** Tradução de Maria Lúcia Spedo Hildorf Barbanti e Antonieta Barini - Direção da Coleção Fanny Abromovich. São Paulo: Summus, 1985

PIAGET, J. & INHALDER, B. **A psicologia da criança.** Ed. 11. – Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S/A, 1990.

PORTELA, Fabiani Ortiz; FRANCESCHINI, Ingrid Schröder. (orgs.) **Família e Aprendizagem: uma relação necessária.** Rio de Janeiro: Wak, 2006.

RIBEIRO, Marinalva Lopes e JUTRAS, France. **Representações sociais de professores sobre afetividade.** Estudos de psicologia. Campinas, v.23, n.1, p.39-45, mar 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid>. Acesso em: 03 Ago 2017.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva.** Petrópolis: Vozes, 2001

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência.** Rio de Janeiro: DP & A, 1999

VYGOTSKY, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica.** Porto Alegre: Artimed, 2003.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget.** 5ªed. São Paulo: Pioneira, 1997.

WOOLFOLK, Anita E. **Psicologia da Educação.** 7ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

ZYMANZKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas.** 1º reimpressão. Brasília, Plano Editora: 2003.

<https://www.dicio.com.br/ferreira/>